

Karine Ramaldes*

*F*ragmentos da *H*istória da *R*ádio

e da TV Brasileiras Sob o Olhar
da Atriz Goiana Cici Pinheiro

*F*ragments of the *H*istory of *B*razilian

O subtítulo do trabalho ou parte complementar de
um título demasiado grande m outro idioma.

RESUMO

Neste estudo, reflito sobre parte da história regional do teatro goiano, relacionando-a com alguns fatos históricos da rádio e TV brasileiras, a partir dos relatos da atriz goiana Cici Pinheiro. O objetivo é apontar de que modo a história do teatro goiano está interconectada com a história do teatro brasileiro. A metodologia se apoia na análise documental bibliográfica e memorialística, tendo em vista que o sujeito principal da investigação já não está mais vivo.

Palavras-chave: História da rádio, História da TV, Teatro brasileiro, Teatro goiano.

ABSTRACT

In this study, I reflect on part of the regional theatrical history of Goiânia, relating it to some historical facts of Brazilian radio and TV, based on the reports of the goiana actress Cici Pinheiro. The objective is to point out how the history of goiano theater is interconnected with the national history of Brazilian theater. The methodology is based on bibliographical and memorialistic documentary analysis, considering that the main research subject is no longer alive.

Keywords: History of radio, History of TV, Brazilian Theater, Goiano Theater.

A história do teatro brasileiro perpassa a(s) história(s) do teatro das diferentes regiões do Brasil, complementando os acontecimentos marcados entre o eixo Rio-São Paulo. Embora, muitas vezes não registradas, essas histórias entrecruzam a história do teatro dessas duas capitais, como é o caso do teatro goiano, mais especificamente a história do teatro goiano a partir das experiências da atriz, diretora e autora goiana Floracy Alves Pinheiro (1929-2002), mais conhecida como Cici Pinheiro. É compreensível a história “oficial” do teatro brasileiro ser direcionada para Rio de Janeiro e São Paulo, pois há uma relação direta com o processo de urbanização e industrialização do Brasil, que inicia-se nestas capitais, como afirma a professora titular da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), e atual presidente da Federação de Arte/educadores do Brasil (FAEB), Dra. Leda Guimarães: “A sociedade brasileira era compreendida como Rio e São Paulo. Nas duas cidades (especialmente a segunda), dá-se um considerável processo de urbanização aliado aos fenômenos de migração e industrialização.” (GUIMARÃES, 2013, p.153). Assim, o desenvolvimento da sociedade brasileira transcorre com o desenvolvimento dessas duas capitais.

Nísia Trindade Lima, doutora em sociologia, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e presidente da Fundação Oswaldo Cruz, traz, em seu livro *Um sertão chamado Brasil* (1999), uma relação elucidando a divisão do Brasil em duas representações: um Brasil do sertão, onde esse processo

de urbanização e industrialização foi mais lento e outro Brasil do litoral, que se desenvolveu rapidamente. Situamos a cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, na perspectiva desta autora, dentro da representação do sertão brasileiro, pois, como será possível perceber no decorrer da discussão, os processos de urbanização, industrialização, desenvolvimento dos meios de comunicação e desenvolvimento cultural ocorriam primeiro nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, para depois chegar ao centro-oeste e às demais regiões do Brasil. Este contexto reflete diretamente na valorização dos registros culturais locais e na própria valorização da arte teatral goiana. A cidade de Goiânia, mesmo localizada longe do eixo de desenvolvimento central do Brasil, começa a ter uma história própria sobre sua arte e cultura, bem como reconhecimento da importância destas para a história do teatro brasileiro, com a criação de registros históricos regionais sobre o teatro goiano em Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses, desenvolvidos especialmente a partir do início do século XXI.

Ao compararmos a data de fundação da cidade de Goiânia (1933) com a data de fundação de São Paulo (1554) e do Rio de Janeiro (1565), verifica-se o quão jovem é a cidade de Goiânia. Quando as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro estavam em sua fase de grande crescimento industrial, no período da revolução industrial brasileira, a cidade de Goiânia dava seus primeiros passos de existência. Natural, então, que muitos avanços industriais e

culturais demorassem um certo tempo a chegar na capital goiana. O professor doutor em sociologia da Universidade Estadual de Goiás, Eliézer Cardoso de Oliveira, em seu livro *História Cultural de Goiânia* (2003), pontua: “Goiânia... até a década de 1960, apresentava várias características de uma cidade tradicional; já de 1960 ao início da década de 1980 dominaram características modernas: por fim, de 1980 até os anos atuais, as características pós-modernas.” (OLIVEIRA, 2003, p.45). O primeiro shopping da cidade de Goiânia é inaugurado na década de 1980, o primeiro teatro, vem antes, em 1942, quando é inaugurado o Teatro Goiânia, seis anos antes do início das atividades do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em São Paulo. Porém na década de 1930, década de inauguração da cidade de Goiânia, o teatro paulista já existia, reproduzindo especialmente tendências europeias.

Hugo Zorzetti (1947-2017), diretor, teatrólogo, professor, fundador do Teatro Exercício e um dos fundadores do curso de Artes Cênicas na Universidade Federal de Goiás, em seu livro *Memória do Teatro Goiano* (2005), afirma que na cidade de Goiânia há registros do desenvolvimento de um teatro amador datado de 1944, mas o pioneirismo do teatro goiano é concedido a Otavinho Arantes¹ que fundou em 1946 a Agremiação Goiana de Teatro (AGT) e também participava do grupo amador datado de 1944. Deste modo, a história do teatro goiano começa a ser construída na década de 40, em uma cidade constituída por uma população de características tradicionais e conservadoras. Tão conservadoras que

Cici Pinheiro, ao protagonizar um beijo nos palcos do teatro goiano na década de 1950, relata: “Eu me lembro quando aconteceu no palco, o beijo, a plateia parece que subiu, e eu ouvi aquele “Ah!!! Ohhh!!!”, e aí começou o “ti ti ti”, né? No outro dia eu não tinha acesso a nenhum lar em Goiânia, já fui tachada como prostituta.” (PINHEIRO, 2001).

Diferentemente dos primórdios do teatro goiano, em que havia poucos grupos e espaços teatrais, hoje, Goiânia possui um movimento artístico-cultural com vários teatros, centros culturais, escolas de teatro e de arte em geral, vários grupos locais, e um calendário semanal cheio de movimentação artístico-cultural disponível para a população. Goiânia cresceu urbanisticamente e culturalmente, a luta pela arte e pela cultura desta capital, hoje, não se difere muito da luta de outras grandes capitais brasileiras, que é uma luta constante pela valorização da arte e pelo reconhecimento artístico.

Após essa explanação geral, retomamos a inter-relação da história de Cici Pinheiro no teatro, TV e rádio goianos com o eixo Rio – São Paulo. Durante uma pesquisa realizada com a historiadora, atriz e autora Renata Caetanoⁱⁱ, nos anos de 2006-2007, nos deparamos com registros que muito nos chamaram a atenção: pastas de entrevistas com artistas goianos, no arquivo do patrimônio imaterial da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia. A maioria destas entrevistas estava transcrita a mão, em folhas de papel almaço, com informações que retomam uma boa parte da história

do teatro goiano. Dentre elas, mereceu especial atenção a entrevista realizada com Cici Pinheiro em 2001, um ano antes de sua morte, por meio da qual foi possível constatar a relevância do trabalho da atriz no desenvolvimento do teatro goiano e brasileiro.

É parte desta entrevista realizada com Cici Pinheiro no dia 09/07/01, colhida por Vera Gomes, a serviço da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, Divisão de Patrimônio Histórico, que será a base de análise do presente artigo. O foco será a análise destes relatos, destacando os trabalhos de rádio e TV desenvolvidos por Cici Pinheiro, relacionando-os ao cenário nacional. O principal objeto de consulta, deste modo, está dentro da categoria de patrimônio imaterial, de acordo com o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), pois:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas... reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (IPHAN, 2017)

Pretende-se, assim, contribuir com a preservação destas memórias. Estes poucos registros estavam, na época (2006-2007), no prédio do Grande Hotel de Goiâniaⁱⁱⁱ, onde se localiza a Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. O arquivo existe hoje^{iv} no mesmo local, já digitalizado, porém, ainda não publicado, como é factível constatar ao conversar^v com a

funcionária da Secretaria de Cultura de Goiânia, Sarah Jungermann, atualmente responsável por estes arquivos. A história do teatro goiano pode ser encontrada em alguns poucos registros escritos e na memória de um limitado grupo da sociedade, mas essas lembranças estão desaparecendo. Segundo o sociólogo francês, Maurice Halbwachs (1877-1945), que desenvolveu um importante estudo sobre a memória coletiva:

... não é absolutamente por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela (*a sociedade*) esquece uma quantidade tão grande de fatos e personalidades antigas, é porque os grupos que guardavam sua lembrança desaparecem. Se a duração da vida humana dobrasse ou triplicasse, o campo da memória coletiva, medido em unidades de tempo, seria bem mais extenso. (HALBWACHS, 2006, p. 105)

Deixar de criar um registro sistemático sobre os acontecimentos do passado é deixar perder-se a nossa história regional e nacional ou, como pontuado por Halbwachs, a nossa memória coletiva. Por isso, aqui retomamos parte da história regional teatral goiana relacionando-a com alguns fatos históricos nacionais, realizando um recorte da biografia de Cici Pinheiro, uma biografia artística, na qual o principal objeto de estudo será a memória, o patrimônio imaterial deixado por essa atriz goiana. Exploramos apenas uma pequena parcela da trajetória de vida da artista, a partir da análise da entrevista concedida por ela, considerando as inúmeras inter-relações entre sujeito e contexto. Buscamos trabalhar com alguns pontos para os quais a vida de Cici

Pinheiro serve como ponto de partida e de chegada: história da rádio e da TV brasileiras; trabalho com destacados artistas nacionais; pioneirismo em diferentes frentes de trabalho. Procuramos levar à reflexão algumas questões mais amplas sobre a vida desta pessoa para que enriqueçam a compreensão de acontecimentos socioculturais nacionais e regionais, perpassados pela memória coletiva.

O estudo de Maurice Halbwachs mostra que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à essa reconstrução que chamamos *memória*. Ele nos mostra que não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação. (DUVIGNAUD in HALBWACHS, 2006, p. 7)

Seguindo os apontamentos de Halbwachs, partiremos do individual para o coletivo, relacionando essas memórias que se complementam. Confrontamos a entrevista coletada com os documentos e as discussões literárias, criando, assim, uma micro-história sobre o teatro goiano interligado ao teatro nacional, tão escassa historiograficamente.

Floracy Alves Pinheiro, apelidada de Cici Pinheiro, filha de Antenor Alves Pinheiro e Julieta de Resende Pinheiro, nasceu no dia 5 de junho de 1929 na cidade de Orizona - Goiás. Foi uma das pioneiras no desenvolvimento do teatro goiano entre as décadas de 50 e 60. Em 1949, foi trabalhar com Teatro por ser muito tímida, e

começou na AGT^{vi}, liderada e fundada em maio de 1946 pelo ator e diretor goiano Otavinho Arantes (1922-1991):

... comecei como ponto, naquela época existia o ponto, aquela figura que ficava no meio do palco, escondidinha para apontar para os outros atores, né? Procópio Ferreira disse: "Ponto, é a pessoa que nos teatros diz as peças em voz baixa aos atores para não se enganarem durante a apresentação". Em São Paulo, em uma de nossas conversas lá, ele disse que admirava a pessoa que fazia sem ponto o teatro de Arena, pois ele não saberia trabalhar sem o ponto... Depois, então na mesma peça que eu fazia o ponto, eu notava que quando faltava uma pessoa, um personagem, eu falava nos ensaios muito timidamente o papel do ator que faltava. Na véspera da estreia, que eles marcaram, eu fiquei preocupada, perguntei quem faria o papel da Tia Teresa, aí o Otavinho disse: "Você que vai fazer". Eu quase morri, pois não tinha mais tempo, e minha irmã e todo mundo ficou: "Você não pode fazer isso". Bom, resumindo, eu tive que entrar fazendo o papel de Tia Teresa, eu me senti mal demais, quase morri, fiquei tonta, eu não sabia... troquei o texto, mas deu pra sair, tanto que na segunda peça, isso foi em 49, quando foi em 50, eu já trabalhei como primeira atriz, lá com Otavinho Arantes. (PINHEIRO, 2001)

A família quase toda de Cici tem relações diretas com a arte teatral. Sua mãe Julieta e sua irmã Floramy também eram atrizes, inclusive a irmã Floramy foi quem levou Cici Pinheiro ao teatro de Otavinho Arantes em 1949. Os filhos e sobrinhos de Cici atuavam sempre nas peças dirigidas por ela. Cici inicia como ponto no Teatro, vence a timidez e desponta como atriz, trabalhando com destacados nomes do cenário teatral brasileiro, como o ator, diretor e dramaturgo Procópio Ferreira (1898-1979), Flávio Rangel (1934-1988), Walmor Chagas (1930-2013), Hermilo Borba (1917-1976),

Raul Cortez (1934-2006), Augusto Boal (1931-2009) dentre outros. Paralelamente aos trabalhos desenvolvidos nas rádios e TVs brasileiras, participa também de destacadas companhias de teatro, como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Teatro de Arena e Companhia Nydia Licia, como relata a própria Cici Pinheiro:

Em 55 e 56, em 57 eu retornei a São Paulo, eu não tinha ambiente em Goiânia, depois do beijo... Lá eu fiz teste para o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), passei em primeiro lugar entre 27 candidatos... Em 1959/1960, eu fui para o Teatro de Arena de São Paulo, na peça "A Farsa da Esposa Perfeita" de Edy Lima, também na qualidade de primeira atriz... também em 1961, eu fui convidada pelo Teatro Bela Vista de Nydia Licia para fazer a peça "Quarto de Despejo", a peça era uma adaptação baseada no livro de Carolina Maria de Jesus, adaptado por Edy Lima... Depois dessa peça eu fui convidada para fazer parte do elenco permanente da Companhia Nydia Licia. (PINHEIRO, 2001)

A peça *A Farsa da Esposa Perfeita*, de Edy Lima, encenada no Teatro de Arena, da qual Cici fazia parte do elenco teve direção de Augusto Boal, como pode ser comprovado na reportagem da imagem 1, que também traz o nome de Cici Pinheiro como integrante do elenco. A reportagem está em alemão, mas o trecho que se refere a Cici diz: "Henrique César é o marido de Cici Pinheiro, muito magnificamente pensado e executado". Já o trecho que se refere a Boal diz: "Augusto Boal é o diretor e garante qualidade.". Segue a reportagem completa:



Imagem 1: Reportagem sem data disponível em <http://acervoaugustoboal.com.br/a-farsa-da-esposa-perfeita-2#gallery-1>

Durante as décadas de 1950 a 1970, o Brasil passava pelo desenvolvimento dos meios modernos de comunicação, sendo eles principalmente o rádio e a TV. Cici Pinheiro participou ativamente desta modernização. Em 51, começou a trabalhar com teatro nas rádios goianas, especificamente na rádio Brasil Central e Rádio Clube, primeiramente como atriz, mas logo começou também a escrever radionovelas e diferentes programas para rádio, como os programas *Cinema em Revista* e *Noturno Romântico*, sendo a primeira goiana a produzir e dirigir uma radionovela: “... eu fiz a

produção e direção da primeira radionovela.” (PINHEIRO, 2001). Essa primeira radionovela goiana, transmitida pela Rádio Brasil Central, foi intitulada *Era uma senhora mais brilhante que o Sol*, baseada na história da Virgem Maria, a mãe de Jesus Cristo, escrita na ocasião (1951) em que a imagem de Nossa Senhora de Fátima visitou a cidade de Goiânia.

Essa radionovela eu escrevi de maneira que o último capítulo, era ao vivo, né? O último capítulo era na chegada de Nossa Senhora de Fátima em Goiânia. Foi quando eu fiquei mais conhecida por todos aqueles senhores católicos, e na igreja também, eu me senti... levei um susto tremendo quando o Padre falou o meu nome e distribuiu um panfleto na igreja dizendo para que assistissem a novela. Aquilo foi uma coisinha gostosa, faz um calor no coração da gente, então... enfim a primeira pessoa que escreveu rádio novela. (PINHEIRO, 2001)

Cici Pinheiro viveu sua carreira artística em um momento histórico em que a rádio e a TV estavam surgindo no Brasil. Segundo o professor pós-doutor em história da Universidade Estadual de Goiás, Edmilson Ferreira Marques (2009), a primeira emissora de rádio goiana que obteve a concessão para funcionamento concedida pelo Estado de Goiás foi a Rádio Clube de Goiânia, inaugurada no dia 05 de julho de 1942 na capital goiana. Neste contexto, a primeira rádio goiana é inaugurada 20 anos após o registro da primeira rádio no Brasil, datada em 1922 no Rio de Janeiro. Marques (2009) afirma, ainda, que em Goiás tivemos, logo após a Rádio Clube de Goiânia, a inauguração da Rádio Carajá de Anápolis (1946). A terceira rádio do estado de

Goiás foi a Rádio Xavantes em Ipameri (1947) e no ano de 1950 foi fundada a Rádio Brasil Central em Goiânia (para a qual Cici escreveu a primeira radionovela). A partir desta década, começaram as ser liberadas inúmeras concessões de rádio para o estado de Goiás, como constata Marques: “Em Goiás, só no alvor da década de 50 surge a rádio Brasil Central cuja potência de seus equipamentos tornou possível veicular uma comunicação que atingisse países vizinhos ao Brasil.” (MARQUES, 2009, p. 33)

No contexto nacional, segundo o *Dicionário do Teatro Brasileiro* (2009), a radionovela é lançada no Brasil em junho de 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, sob o título de *Em Busca da Felicidade*, de Leandro Blanco. Dez anos antes de Cici Pinheiro estrear a primeira radionovela em Goiânia. Em São Paulo a radionovela é inaugurada também em 1941, porém no mês de outubro, pela Rádio São Paulo com o título *Predestinada*, de Oduvaldo Vianna. Em 1952, Cici vai trabalhar com teatro em São Paulo, e a partir daí começa suas idas e vindas entre São Paulo e Goiânia, realizando um verdadeiro intercâmbio cultural. Esse primeiro período em que Cici Pinheiro vai trabalhar em São Paulo compreende o período em que a TV brasileira começa a ganhar espaço. A TV brasileira é inaugurada em 1950, com programações da TV Tupi, a primeira do Brasil. Já no ano de 1952 é inaugurada, no dia 14 de março, a TV Paulista na cidade de São Paulo, ou seja, no mesmo ano em que Cici chega a São Paulo. Cici Pinheiro começa a trabalhar com dublagens de filmes nacionais e internacionais, e

também dublagens de séries para a TV Paulista (que futuramente se transforma em TV Globo), dentre elas, participou da dublagem do filme com direção de Trigueirinho Neto, *Bahia de Todos os Santos* (1960), filme brasileiro considerado um precursor do cinema novo.

Na década de 1950, existiam três grupos principais da rádio e TV no Brasil, sendo eles: Diários Associados de Assis Chateaubriand (1892-1968), do qual faziam parte integrante a TV Tupi do Rio e a TV Tupi de São Paulo, que findaram suas atividades em 1980; havia também o grupo das Emissoras Unidas de Paulo Machado de Carvalho (1901-1992), do qual faziam parte TV Record e TV Rio, hoje Rede Record; e por fim as Organizações Victor Costa, de propriedade de Victor Costa, hoje Rede Globo. No ano de 1955, a TV Paulista passou a fazer parte das Organizações Victor Costa, pois neste ano, Victor Costa comprou a TV do então deputado Oswaldo Ortiz Monteiro e criou programas de sucesso na TV Paulista, como *Teledrama Três Leões* e *Hit Parade*. A TV Paulista foi expandindo-se, criando diferentes emissoras, como a TV Santos e a TV Bauru. Após a morte de Victor Costa, em 1959, a família não conseguiu manter os negócios e em 1966 venderam as Organizações Victor Costa para Roberto Marinho, que já havia fundado a TV Globo um ano antes, em 1965 no Rio de Janeiro. Deste modo, a TV Paulista se transformou em TV Globo São Paulo e a Rádio Nacional em Rádio Globo São Paulo.

Em 1953, durante o recesso da TV Paulista, Cici Pinheiro volta à cidade de Goiânia a passeio, mas resolve ficar devido à

insistência de vários artistas do cenário goiano, e então monta a sua própria companhia de teatro. Permanece em Goiânia, de 1953 a 1956 com o seu trabalho direcionado para os palcos do teatro. Montou junto com Luiz Carlos a primeira peça de Pedro Bloch (1914-2004): *Morre um gato na China*, e depois, para a direção da segunda peça, *Deslumbramento*, levou para Goiânia João Ângelo Labanca (1913-1988). Essa peça, *Deslumbramento*, fez com que Cici retornasse para São Paulo o mais breve possível, pois Cici Pinheiro junto ao ator William Aia encenaram o primeiro beijo do teatro goiano, o que causou grande polêmica e preconceito na cidade, levando Cici a sair de Goiânia. Retorna, então, em 1957 para São Paulo retomando seu trabalho na TV sem deixar de lado o trabalho de palco.

A TV Tupi a convida, em 1957, para integrar o elenco da primeira telenovela infantil produzida no Brasil, *Pollyana*, com direção de Júlio Gouveia e adaptação de Tatiana Belinky, do livro *Pollyanna*, de autoria de Eleanor H. Porter. Ao analisar a entrevista de Cici Pinheiro, é possível perceber que logo após o trabalho na TV Tupi, Cici passa a trabalhar na TV Paulista:

... em 1957 que eu trabalhei na "Pollyana" e logo a TV Paulista me convidou para fazer parte do elenco, eu era a única pessoa que era contratada naquela época que poderia fazer teatro, porque eu não queria deixar o teatro, mas acontece o seguinte, o teatro não dá dinheiro, até hoje não dá, então eu fazia televisão, pois televisão dá dinheiro, em São Paulo dá, aqui não (Goiânia) até hoje não deu. Então eu fazia televisão, e quando tinha oportunidade e era convidada eles deixavam eu fazer teatro contando que eu levasse a autorização da televisão.

Então em 57 eu fui trabalhar na TV, onde eu fiz várias telenovelas, além de locutora, apresentadora eu era também atriz na TV Paulista. Lá eu fiz: “Arara Vermelha”; “Os Corruptos”; “Carência Fatal” e muitas outras. (PINHEIRO, 2001)

Na TV Paulista, Cici Pinheiro desenvolveu diferentes funções, tanto na TV como na rádio, pois como já informado anteriormente, nesta época (1957) a TV Paulista pertencia às Organizações Victor Costa. A essa mesma organização, pertenciam ainda a Rádio Cultura, a Rádio Excelsior, a Rádio Nacional de São Paulo, dentre outras, ou seja, todas de propriedade das Organizações Victor Costa.

Em 1958 eu produzi... porque era a TV paulista, Rádio Nacional e Rádio Cultura, tudo no mesmo grupo, tem até os meus documentos assinados, o documento é a carteira de trabalho. Na televisão eu era apresentadora, produtora, fazia de tudo na televisão e na rádio também, além de ser rádio atriz, eu produzia. Comecei a produzir a “Revista da Manhã” na rádio, eram cinco horas de programação, então nós fazíamos... eram várias sessões, e duas das sessões eram a *long play* da semana, que eu escrevia e comentava. (PINHEIRO, 2001)

As contribuições de Cici Pinheiro para o desenvolvimento das Organizações Victor Costa foi intensa. Nos anos de 58 e 59 também produziu, para a TV Paulista, o programa *Clube do Lar* com transmissão para várias capitais do Brasil. É relevante ressaltar que Cici Pinheiro realizava todo esse trabalho para TV e Rádio, conciliando com o seu trabalho nos palcos do teatro em grandes companhias de São Paulo, como o Teatro Brasileiro de Comédia

(TBC) e Teatro Arena. Em 1960, participa na TV Paulista, junto com Ronald Golias (1929-2005) e Manoel de Nóbrega (1913-1976) dos programas *O Grande Espetáculo* e a *Praça da Alegria*. Em 1961, integra o elenco da telenovela *David Copperfield*, além de trabalhar como assistente de direção do programa *Câmera Um*, ambos da TV Paulista. Com todo o trabalho desenvolvido na TV de São Paulo, Cici ganhou bagagem suficiente para realizar produções na TV de Goiânia, e em 1962 é convidada para retornar a Goiânia para ser a diretora artística da TV Rádio Clube, recém-inaugurada na capital.

Segundo Marques (2009), a primeira emissora de TV implantada em Goiânia foi a TV Rádio Clube, em 7 de setembro de 1961, afiliada do grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand, ou seja, afiliada da TV Tupi. A maior parte da programação local era a retransmissão da Rede Tupi, até o fechamento desta rede em 1980. Em 1963, a TV Rádio Clube muda o nome para TV Goiânia. Em 1980, com o fechamento da TV Tupi, a Rede de Emissoras Independentes passa a tomar conta da TV Goiânia até a mesma ser vendida para a TV Goyá em 1985. Em 1992, é vendida para a TV Record, a qual tem a propriedade da emissora até os dias atuais. Mas é em 1962, quando a emissora ainda recebia o nome de TV Rádio Clube, que Cici Pinheiro dirige o primeiro teleteatro em Goiás, com a peça de enredo espírita *Do outro Lado*, sempre trabalhando com elenco de atores goianos. Mas no final de 1963, início de 1964 Cici tem um desentendimento com o diretor Pedro Braga e acaba deixando a TV Rádio Clube.

Em 1965, Cici se aventura em um ousado projeto na TV Anhanguera, a segunda emissora de televisão instalada em Goiás por Jaime Câmara e seus irmãos Joaquim Câmara Filho e Vicente Rebouças, em 24 de outubro de 1963, data do aniversário de 30 anos da jovem cidade de Goiânia. Cici produz a primeira telenovela em Goiás, *A Família Brodie*, montada ao vivo, baseada na obra de J. Gronim, *O Castelo do Homem Sem Alma*. Sem patrocínio nenhum, Cici teve que pagar para poder ver a novela no ar. Com a ajuda de seu irmão, Cici Pinheiro conseguiu o dinheiro para pagar os horários na TV Anhanguera durante três meses, mas faltava ainda dinheiro para a produção de figurino:

Eu tinha que fazer compra, porque era de época. Com o dinheiro que eu ia pagar a TV, eu comecei a comprar, comprar... E como eu não podia comprar roupa bacana e a TV era preto e branco, e o pessoal tinha que estar bem vestido, então eu comprei de flanela. Flanela vermelha. Se você visse aquilo! Era vivo, você ia morrer de rir, mas o vermelho é uma cor bonita, parecia um cinza na TV preto e branco. Tinha que ter camisa de seda de peitinhos, assim de renda, então as minhas amigas tiravam anáguas, tiravam as rendas das anáguas, de camisolas, fizemos vários peitinhos. Tudo assim... amarrava no pescoço e colocava o paletó por cima. Nos paletós os punhos para parecer que eram de renda, a gente costurava na própria manga, e eu falava assim: "Quando você se levantar, lembre-se de elegantemente puxar atrás". E a Alice Polonga, a Alice Bruchensk que fizeram, sem me cobrar nada, fizeram o guarda-roupa, elas que faziam as roupas. Eu pedi ao comércio, então o comércio foi me dando os panos. O que eles não podiam dar eu comprava. Depois de tudo pronto eu fui lá marcar o horário, e eles morrendo de medo de dar prejuízo. (PINHEIRO, 2001)

Cici Pinheiro não queria estreiar sem um patrocínio, pois acreditava que o patrocínio daria mais credibilidade a sua telenovela, então foi atrás de parceria. Ofereceu a uma loja de roupas a publicidade da loja no horário da telenovela, sem a loja precisar oferecer nada em troca neste primeiro momento, e a loja topou. Para a surpresa de todos, o primeiro capítulo da telenovela de Cici foi um sucesso. Várias residências da cidade de Goiânia instalaram suas antenas de TV para poder assistir à telenovela: “se eu tivesse ganho um cruzeiro por cada antena que foi instalada pra ver minha novela, eu tinha ganho muito dinheiro.” (PINHEIRO, 2001). A loja que patrocinou (teoricamente) a telenovela ficou tão satisfeita com o resultado da audiência que ofereceu pagar o horário na TV Anhanguera para Cici continuar exibindo a telenovela. Cici recebeu um patrocínio verdadeiro, além disso, em 1966, recebeu pela telenovela, um prêmio de *Melhor Produtor do Ano*, do então governador do estado de Goiás Otávio Lage. Foi assim que Cici Pinheiro manteve as portas da TV Anhanguera da Organização Jaime Câmara abertas para ela durante toda a sua vida. Ela relata sempre com muito carinho a sua relação com o grupo Jaime Câmara.

Cici Pinheiro foi uma atriz que contribuiu com o desenvolvimento artístico-cultural brasileiro e goiano, como pode ser constatado a partir desse relato histórico que aqui foi apresentado. Essa pesquisa, se restringiu, apenas ao trabalho de Cici relacionado à rádio e à TV, realizando uma relação direta com a

história da rádio e da TV do Brasil. Existem outras contribuições de Cici para o teatro brasileiro e goiano, que merecem ser esmiuçadas e detalhadas, mas não cabem todas aqui. Cici, assim como vários outros artistas não pode ficar esquecida nas gavetas de arquivos. Relembrar a história artística de Cici Pinheiro é rememorar parte da história do teatro brasileiro e da história artística regional goiana que possui escassos registros.

REFERÊNCIAS:

BOAL, Augusto. **Instituto Augusto Boal**. Disponível em <http://acervoaugustoboal.com.br/a-farsa-da-esposa-perfeita-2> Acesso em 31/05/2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LIMA, Mariangela Alves de; FARIA, João Roberto; GUINSBURG, J. **Dicionário do Teatro Brasileiro: Temas, Formas e Conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Renavan/ IUPERJ-UCAM, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária LTDA, 1986.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **História Cultural de Goiânia**. Coleção Histórias de Goiás. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

PINHEIRO, Cici. **Entrevista concedida a Vera Gomes, a serviço da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia**.

Divisão de Patrimônio Histórico. Arquivo de Patrimônio Imaterial. Goiânia, 19 jul. 2001.

IPHAN, 2017. **Site oficial do IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Acesso em 26/07/17 <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros (org.). **Trama 8** - Coleção tramas & urdumes. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: FUNAPE, 2013.

MARQUES, Edmilson Ferreira. **A História do Rádio em Goiás (1942-1947)**. Dissertação de Mestrado. 2009. 247p. Dissertação. Universidade Federal de Goiás: Faculdade de História. Goiânia, 2009. Disponível em https://portais.ufg.br/up/113/o/Texto_final_em_PDF.pdf

ZORZETTI, Hugo. **Memória do Teatro Goiano**. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

NOTAS

ⁱ Otavinho Arantes foi um artista goiano que lutou pela difusão das artes cênicas em Goiás com a construção de um teatro e uma escola de arte dramática, a AGT. Morreu aos 69 anos, num atropelamento em Brasília, onde estava lutando por verbas para sua AGT.

ⁱⁱ Renata Caetano é graduada em História Pela Universidade Federal de Goiás, atriz, autora, pesquisadora, figurinista e Arte Educadora goiana. Publicou junto a Saulo Germano Dallago o livro *Palco Aberto*, Goiânia: Gráfica e Editora América, 2009.

ⁱⁱⁱ O Grande Hotel, inaugurado no dia 23 de janeiro de 1937, foi o primeiro hotel de Goiânia e uma das mais importantes construções da cidade na época. Ainda hoje a construção existe, mas não funciona mais como um hotel e considerada patrimônio histórico de Goiânia desde 18 de novembro de 2003.

^{iv} Voltei ao Grande Hotel para conferir a existência e a situação do arquivo no dia 24/07/2017.

^v Conversa realizada no dia 24 de julho/2017.

^{vi} Hoje a AGT (Agremiação Goiana de Teatro) recebe o nome de Teatro Inacabado.

***Karine Ramaldes** é Doutoranda em Performances Culturais - Universidade Federal de Goiás (UFG). Autora junto a Robson Corrêa de Camargo do livro *Os Jogos Teatrais de Viola Spolin- Uma Pedagogia da Experiência* (Goiânia: Kelps, 2017). Atriz, Arte educadora, atuando no ensino básico, superior e na formação continuada de professores. Possui mestrado em Performances Culturais pela UFG (2015), especialização em Arte/ Educação pela FINOM (2010) e graduação em Licenciatura em Artes Cênicas pela UFG (2005). kramaldesatriz@gmail.com

Artigo Submetido em: 02/04/2018

Aprovado em: 06/06/2018